



BUMBA-MEU-BOI
Aquarela de Newton Navarro

Sumário

Pág. 02

AGENDA DA BCZM

Pág. 03

**BCZM:
UMA BALZAQUIANA
MUITO ATIVA**

Pág. 04

**CÂMARA CASCUDO:
O PRÍNCIPE DO TIROL**

Pág. 05

PRESEPE

Pág. 06

VELHO ENGENHO

Pág. 07

DE POESIA E DE MORTE

Pág. 08

**CANÇÃO DO SONHO
OCEÂNICO**

Editorial

O BiblioCanto, em sua edição de dezembro, é conduzido por uma estrela que brilha intensamente, há 400 natais. Ela nos desvenda segredos de uma cidade cheia de encanto e algumas histórias acerca de seus mitos. Câmara Cascudo, o príncipe desta província, é aqui lembrado pelas suas frases de efeito, repletas de sabedoria. Newton Navarro, escritor, artista plástico, homem multifacetado, brinda-nos com uma crônica sobre os "presepes" da Natal de sua infância, remetendo-nos aos natais passados de uma Natal que já não existe mais. Franklin Jorge reaviva em nossa memória a figura de Edgar Barbosa e este nos presenteia com o nostálgico texto Velho Engenho. Ana Cristina Tinôco retrata o último encontro de Zila Mamede com uma de suas maiores paixões: o mar. Assim Zila se refere a ele em seu poema Canção do Sonho Oceânico. A Biblioteca Central faz o seu balanço de final de ano, sentindo-se uma balzaquiana ainda mais ativa e deseja aos seus leitores um Feliz Natal e uma excelente virada de ano!

Foto: Carlos Lays



Zila Mamede

ACONTECEU

Ao longo deste ano, a Biblioteca Central Zila Mamede explorou, mais do que nunca, o seu espaço destinado ao abrigo de eventos culturais. Foram diversas exposições, palestras e mesmo eventos de maior especificidade, tais como o Bibliocafé e as Tardes de Leitura. Consciente da sua posição perante a Universidade como maior ponto de convergência entre os vários cursos, a BCZM tornou-se um ambiente propício não apenas ao estudo silencioso, mas um lugar onde a arte e a cultura também têm cadeira cativa.

Nos dias 27 e 28 de outubro, a Biblioteca promoveu, consecutivamente, os seguintes eventos:



Era uma vez...

O Jornalista e Arte-educador Adriano Gomes nos reportou aos velhos tempos dos contadores de histórias através da sua comovente narrativa.

Foram interpretados textos de Marina Colasanti, Eduardo Galeano, Guimarães Rosa, entre outros.



Cinema na BCZM

A sétima arte esteve em foco na videoteca da BCZM com o filme: Uma leitora muito particular (la lectrice).

Estes eventos fizeram parte da programação da Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, ocorrida no período de 22 a 29 de outubro de 1999, com atividades em diversos pontos, inclusive comerciais, da cidade de Natal.

AGENDA

✓ 07 de dezembro - Lançamento do livro "Metáfrase", do Prof. Márcio Dantas, às 20h, no Solar Bela Vista.

✓ 08 de dezembro - A Biblioteca Central Zila Mamede promove, em seu auditório, às 16 horas, a Mesa Redonda *A informação Visual na Obra Cascudiana*, na qual estudiosos irão debater o significado semiótico das ilustrações de algumas capas originais dos livros de Luis da Câmara Cascudo. As capas também vão compor exposição de mesmo título, durante o mês de dezembro, no hall da BCZM.

✓ 09 de dezembro - II reunião do Grupo de Estudo da BCZM; temática: Os discursos dos bibliotecários, de Anne Marie Chartier e Jean Hébrand.

✓ 09 e 10 de dezembro - Eu, tu e Borges, evento comemorativo ao centenário do escritor Jorge Luis Borges, a realizar-se no auditório da BCZM, tendo a seguinte programação:

09/10 - 9h30min: Conferência Inaugural: "Luz sobre o labirinto textual de Borges".

- 16 horas: Exibição de entrevistas.

- 19 horas: Conferência "Borges Canônico".

10/10 - às 9h30min: Mesa Redonda "Borges e filosofia"

- 16 horas: Exibição de entrevistas

- 19 horas: conferência

- 21 horas: Encerramento.

✓ 13 de dezembro - Será realizada, às 16h 30min., no auditório da BCZM, a II Tarde de Leitura - Um Tributo à Zila Mamede, em seu decimo quarto aniversário de morte. Poetas, músicos, amigos e admiradores de Zila vão decantar a sua poesia, que permanece viva em nossa memória.

✓ 20 de dezembro - A Biblioteca Central Zila Mamede suspenderá o atendimento, neste dia, em virtude da sua Confraternização Natalina, a partir das 10h, com ato ecumênico, no auditório desta Biblioteca.

EXPEDIENTE

O BiblioCanto é um informativo bimestral, distribuído gratuitamente pela BCZM à comunidade universitária. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Reitor: Otom Asselmo de Oliveira. Vice-Reitora: Tácia Maria de Oliveira Maranhão. Biblioteca Central Zila Mamede. Diretora: Rildoci Medeiros. Vice-Diretora: Margareth Régia de Lara Menezes. Conselho Editorial: Glicia Azevedo e Rildoci Medeiros. Colaboradores: Frank Tavares Correia, Franklin Jorge, Rildoci Medeiros, Ana Cristina Cavaleante Tinoco. Revisão Final: Glicia Azevedo Bolsista. Daisy Dantas. Diagramação: Daisy Dantas. Impressão: EDUFRRN. Endereço: Campus Universitário da UFRN - Lagoa Nova - Natal/RN. CEP: 59072-970. Fones: 215-3841 ou 215-3849. Fone/Fax: 215-3856. e-mail: comunic@bczm.ufrn.br.

BCZM: UMA BALZAQUIANA MUITO ATIVA



Vista frontal da entrada principal da Biblioteca Central Zila Mamede

Em o BiblioCanto nº 5, o último emitido neste ano, faz-se uso de seu espaço para destacar questões pertinentes às rotinas do Sistema de Bibliotecas (SISBI), em especial, da Biblioteca Central Zila Mamede – BCZM.

O SISBI vem enfrentando um dos grandes desafios desta nova era: a crise sócio-econômica e cultural, através do compartilhamento de recursos e de difusão de conhecimento. Este último enquanto informação em processo.

Nesta perspectiva, o referido Sistema tem implementado atividades que envolvem desde o desenvolvimento de coleções até o uso das tecnologias de informação, no sentido de fortalecer os seus serviços e produtos. Vale ressaltar que as coleções e as tecnologias de informação são ferramentas básicas no processo de transmissão de informação e apoio ao ensino, pesquisa e extensão.

Em contrapartida, os novos aparatos tecnológicos e a oferta global da informação têm gerado o fenômeno hiperinformacional. Com efeito, surgem milhões de usuários em tempo real.

Diante deste cenário, pergunta-se se apenas a tecnologia é suficiente para superar as fronteiras geopolíticas de acesso à informação.

Neste sentido, cabe ressaltar o papel dos profissionais da informação e da Biblioteca na Era do Conhecimento.

Tendo em vista a dinâmica de renovação deste espaço cultural – Biblioteca – o SISBI procurou desenvolver, no ano de 1999, ações pró-ativas, relacionadas à difusão da informação/conhecimento, no intuito de exercer a sua função de suporte à tríade citada anteriormente.

Tais atividades exigiram mecanismos de interação da comunidade universitária que foram do convívio presencial até a produção de textos, quais sejam: exposições iconográficas, projetos de extensão

(*Internet para empresas* – 26 a 30/07 e *A Informação Visual na Obra Cascadiana* – 08/12), *BiblioCafé* (28/07 e 23/09), *Tardes de Leitura* (26/07 a 13/12), *Era uma vez* (27/10), *Cinema na BCZM* (28/10), relançamento do periódico *BiblioCanto* (nº 1 – maio/99; nº 2 – junho/99; nº 3 – julho e agosto/99; nº 4 – setembro e outubro/99; nº 5 – novembro e dezembro/99), lançamento do boletim informativo, de circulação interna, *Por dentro da BCZM...* (nº 1 – junho/99; nº 2 – julho/99; nº 3 – agosto e setembro/99; nº 4 – outubro e novembro/99; nº 5 – dezembro/99), lançamento do informativo *BCZM Informa, voltado para as novas aquisições bibliográficas no acervo da BCZM* (nº.1 - setembro de 99), dentre outros.

Em todas estas atividades, procurou-se romper os paradigmas organizacionais e culturais, a fim de maximizar o acesso à informação científica como ato comunicativo e essencial à ciência.

Assim sendo, avalia-se que o SISBI, apesar da escassez de recursos humanos e financeiros, obteve suas primeiras e significativas conquistas neste ano através da introdução de rotinas diversas que elevam suas bibliotecas a categoria de espaços culturais comprometidos com o saber e com o desenvolvimento científico e tecnológico.

Rildeci Medeiros, Diretora da BCZM,
Professora da UFRN, Doutoranda em Ciência
da Informação, na ECA, USP.

CÂMARA CASCUDO: O PRÍNCIPE DO TIROL

*- Lembrem-me aos que não perguntarem por mim.
- Recomendação desnecessária, mestre Cascudo, impossível esquecer alguém que significa tanto para Natal, para o RN e para o Brasil e é reconhecido em todo o mundo por sua vasta obra apaixonada e apaixonante que tem como objeto o homem e a sua origem.*

Luis da Câmara Cascudo, durante a juventude, recebia os amigos no casarão dos pais, conhecido como "O Principado do Tirol". Ele, o príncipe, outorgava títulos nobiliárquicos aos amigos; no entanto, mais que títulos e elogios, Cascudo também distribuía sabedoria nas conversas que mantinha com alguns privilegiados no Principado. Cumprindo a recomendação do mestre, escolhemos alguns trechos de conversações, extraídos do livro de Diógenes da Cunha Lima, Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz.

CASCUDO, UM PENSADOR

Todo mundo sabe que vivo no meio de livros. Se bem que hoje eu tenha o maior trabalho em ler. O livro pra mim ainda é a maior volúpia. Olhar e ver uma estante com livros é um ato de volúpia.

Só me impressiona, no ato humano, a origem.

Confesso que estou satisfeito com a conduta de Luis da Câmara Cascudo.

A recompensa do trabalho é a alegria de realizá-lo. Quando termino um trabalho, estou pago.

Um homem é invariavelmente a soma de muitos homens que nele vivem.

Ninguém está sozinho quando pensa.

Exclua as notícias más na sua conversa.

A cultura popular é o saldo da sabedoria oral da memória coletiva.

A fisiologia da visão não explica o olhar!

Mostre suas feridas somente a quem pode curá-las. Saiba pedir, saiba a quem pedir.

O melhor produto do Brasil ainda é o brasileiro.



Cascudo, nos anos 20

CASCUDO IRÔNICO

Amizade é amor sem sexo.

Meu pai dizia que a rede fazia parte da família.

A rede colabora no movimento dos sonhos.

Sou um homem mais de fé do que de culto. Posso recusar a extrema-unção, vou me entender pessoalmente com Deus.

Anália, a empregada doméstica, anuncia:

— Dr. Luis, tem um homem aí.

— Diga a ele que aqui tem outro.

Foto: Carlos Lyra



O charuto é quase a extensão do meu rosto. Este é um dos meus vícios, é vício confessável, exibido. Um bom charuto é prazer cotidiano, mágica fumaça consoladora.

E, para a grande viagem sem retorno, levou a simplicidade de uma vida limpa.

PRESEPE

Newton Navarro

Foto: Internet



Newton Navarro

Como eram lindos os presepes da minha infância! O das irmãs Damasceno, antes, na ladeira do Passo da Pátria e depois, na velha casa da Rua dos Tocos; o presepe de Clarinha Soares no casarão amarelo da Rua da Conceição – um dos maiores de então; e até bem pouco tempo, o de Dona Joaquina Bolo-de-coco. Presepes e nomes de rua com um gosto tão doce e tão alegre de infância... À tardinha, vestíamos a roupa nova, feita de encomenda – da gola ao sapato, toda ela novinha em folha, pois assim, diziam, o galo natalino não bicaria a criança... e saíamos para a visitação aos presepes.

Não sei avaliar o melhor, pois todos deslumbravam nas luzes, nos arranjos, no inesperado, a cada ano, de novas coisas adquiridas: lagos de espelhos, pastorinhas de porcelana, o boi e o burro de celulóide, pescoços movediços, ao menor sopro se agitavam e pareciam *de mesmo*.

Estrelas cada vez mais luminosas, cordeirinhos de lã e arminho e as torres da Cidade Santa com as cumeadas, ao longe, de papel pintado, onde a caravana dos Reis Magos se aproximava...

Uns chegavam às raias do surrealismo e não era pasmar diante das mais recentes fotos coloridas de Kay Francis, Greta Garbo, Tyrone, Ramon Navarro e Valentino, esplendentes, recortadas da cena muda e coladas sobre fundo de papel de lata, nos céus luminosos da manjedoura...

As boas e santas senhoras pareciam rivalizar nas suas prendas. Mas, não. Faziam apenas por devoção e, assim, mais caprichavam numa verdadeira unção religiosa, espécie de oração dos seus corações humildes. Davam-se ao apronto dos seus presepes com todo o amor de suas almas alheias ao mundo de fora. Muitas delas, solteironas, mimoseavam o Menino, no seu berço de palha, como a um filho. E daí os paninhos de seda, as rendas, os primorosos adereços e o cheiro intenso das "colônias" despejadas pelos quatro cantos da gruta.

Num desses presepes, certo Natal, em pleno começo da última Grande Guerra, deparei com um batalhão de soldadinhos de chumbo, tanques blindados e um pequeno navio de combate, baterias assestadas para o público, na vigilante defesa do Menino recém-nascido.

Como eram lindos aqueles presepes das boas senhoras, que por muitos anos povoaram de deslumbramento a minha infância. Entre a misteriosa chegada do Papai Noel e as luzes das mágicas manjedouras, o meu sonho descia manso, calmoso e os sonhos emergiam serenos como as estrelas dos presepes guardados no meu encantamento.

Hoje, as ruas perderam a graça dos nomes saborosos, com gosto de alfenim e cheiro de manjerona. Um se transmudaram em ruas maiores. As casas de frontões soberbos e altas janelas com vidraças coloridas, se esfumaram no tempo. E as senhoras, as donas mágicas daqueles arranjos encantatórios? – Ah, as boas senhoras, essas foram para bem longe, para os altos "de serenar claridades", foram armar presepes celestes, com anjos de verdade, junto ao Menino que, agradecido, mandou-as chamar, uma a uma, para a sua gruta de eternidade...



Foto: Internet

VELHO ENGENHO

Edgar Barbosa

Dentro do nevoeiro do vale mal se entrevêem os despojos do velho engenho morto. A casa está em ruínas e uma erva hostil cresceu, silenciosa, por toda a bagaceira, invadiu os alpendres e assenhoreou-se do chão onde nunca mais pisou o pé humano.

Que fim levaram os antigos moradores? Onde os meninos trêfegos, os mestres, os cambiteiros, os animais e as aves que alertavam as madrugadas? Tudo parece morto, não há sinal de vida dentro do grande vale onde outrora ecoavam os rumores do trabalho e das alegrias das safras exuberantes. Os próprios caminhos estão ocultos ou se tornaram sendas misteriosas de um mundo perdido. As chuvas os transformaram em barrancos, as formigas, às suas margens, construíram sossegadamente o seu reino. E à noite, sob as estrelas, as corujas desferem o seu canto soturno e imprimem ao velho engenho um aspecto de câmara ardente.

Entretanto, a terra, em redor, clama por que a fecundem. As árvores embora maltratadas e esquecidas, guardam no porte a majestade dos dias em que foram belas. Coroando o

outeiro, como um penacho real, ergue-se um pau darco de cem anos, que ainda floresce como no tempo de jovem. E tudo isso paira, ali, no exílio, como se fosse um continente ignorado, lembrando a terra depois do dilúvio.

Eis um crime para o qual não há pena. Esse êxodo de ingratos e emasculados, que arrancaram suas próprias raízes para ir vegetar, adiante, como parasitas, merecia um castigo. Eles, os senhores, os meninos que se tornaram velhos, perderam-se nas ruas, passeiam displicentemente pelo asfalto das cidades, entretêm-se com as músicas e os cinemas, dançam e cantam nos clubes. A sua vida parece a dos presidiários que se consolam com o simples passar dos dias e das noites. A diferença é que esses fugitivos sem alma nunca têm remorsos. O velho engenho lá ficou, desmanchando-se pedra por pedra. Os maquinismos foram vendidos ou enferrujam, na sepultura das moitas, enquanto a erva cresce, silenciosa, afogando os alpendres, cobrindo, como um sudário implacável, a bagaceira morta.

EDGAR BARBOSA

"Aos grandes mortos, túmulos profundos."

Ascendino Leite

Considerado por Nilo Pereira o maior estilista que o Ceará – Mirim já teve, Edgar Barbosa (1909/1976) tornou-se, desde moço, um modelo para outros escritores. Ou, dizendo doutra forma, um escritor para escritores.

Antenado em seu tempo, Edgar Barbosa absorveu as lições do humanismo, destacando-se pela construção de um texto elegante e substantivo que lhe valeu a admiração de seus contemporâneos.

Intérprete das inquietações de sua época, deu dignidade ao exercício do jornalismo ao abordar, com isenção e serenidade algo montaignianas, questões pertinentes ao bem-estar de todos os cidadãos.

Produziu uma vasta obra que se encontra, em grande parte, dispersa em coleções dos jornais A República e Diário de Natal, além dos livros que publicou, entre os quais eu destacaria História de uma Campanha (1936), Três Ensaios (1960), Românticos Norte-Americanos e Imagens do tempo (1966), há muito esgotados.

Fundador da Faculdade de Filosofia,



Edgar Barbosa é o quarto da esquerda para a direita, na segunda fileira

posteriormente transformada em Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, jornalista, magistrado e professor universitário, Edgar Barbosa é hoje um nome inteiramente esquecido pelas instituições que ajudou a criar.

Franklin Jorge é Jornalista, membro do Comitê de Cultura do Plano Estratégico Natal 2015

DE POESIA E DE MORTE

Será que algum dia poderei ser perdoada
 Por ter tido a pretensão de imaginar o que
 aconteceu naquele fatídico 13 de dezembro?
 Só uma pessoa, em algum momento
 da eternidade, poderá me responder:

- Zila

Foto: Carlos Lira



Zila Mamede

Amanhece. No horizonte, uma grande fogueira crepita em chamas vermelhas, laranjas e douradas e parecem duelar com as lilases, marinhos e ébanos que batem em retirada, fugindo para reinar no hemisfério oposto. O dia surge inundado de luz e ofusca lentamente o brilho das últimas estrelas matutinas.

A claridade, tal qual flecha luminosa, traspassa minhas pálpebras, lembrando que é hora de despertar.

Levanto apressada, há muito o que fazer, mas as primeiras horas da manhã sempre dedico a mim mesma; afinal, nada como uma longa caminhada, seguida por um vigoroso mergulho, para canalizar harmoniosamente a energia acumulada depois de uma noite

de sonhos esquecidos.

Chego à praia. O ar repleto de maresia me invade os pulmões, enchendo-me de Deus. Sinto-me repleta. Integrada à paisagem. Sou a paisagem.

As gotas de suor e a respiração ofegante avisam que devo passar para a segunda etapa desse meu ritual diário. Mergulho então no mar. - Ah, mar querido, como é bom te sentir! Percebo então a osmose que acontece em toda a superfície da minha pele. Sinto-me embebida de mar tal qual pão em sopa, inchando e diluindo-se, fundindo-se ao mar.

Nado. O ritmo compassado e os movimentos sincronizados de pernas, cabeça e braços não me permitem sentir o cansaço. Nado e penso e, nesses momentos, transfiro-me para mundos outros.

Uma onda mais forte é o passaporte para a realidade. Abro os olhos assustada. Como me afastei da praia! Outra onda igualmente violenta alerta-me para o perigo iminente.

Agora estou sobre as pedras, que estando submersas pela cheia da maré, esconderam-se de mim, negando-se a delimitarem o território proibido.

Concentro toda minha força nas braçadas. Preciso sair da arrebentação. Sinto-me agora como uma guerreira solitária contra um poderoso exército marinho. Preciso voltar para a terra, mas o mar me quer nas suas entranhas.

Sou sugada pela onda que se forma. Ela enche, quebra e agora sou espuma. Bolhas translúcidas e multicoloridas bailam nas minhas retinas. Invadem meus olhos, meus ouvidos, minha boca, meu nariz.

Agonia, terror! Terror?

Estou no meu mar. Aquele que sempre me acolheu. Que sempre me fez sentir parte integrante de seu todo. Por que terror?

Uma paradoxal sensação de leveza e peso me confunde os sentidos, depois percebo: quanto mais pesado meu corpo se faz, mais leve eu me sinto.

Afundo e flutuo. Como?

Olho meu corpo, exausto de tanto debater-se, finalmente sucumbir aos braços do mar e, num ato final, deixar-se possuir. E que braços macios, calorosos, aconchegantes...

Agora não há mais medo. Não há mais agonia, nem terror. Só prazer.

Prazer em sentir-se liberta, flutuar.

Volatizar.



*Deixei meus olhos dormindo
nas mãos de musgos medonhos
enquanto em busca de estrelas
convertei-me em brancas ilhas
beijadas por sóis distantes,
pelo ímpeto das ondas
vestindo-me de tule e neve
para surpresa das bodas
da minha alma irrequieta
com a alma triste do mar*

*"Agora nascida estrela
algas, recife e coral,
não me contentam areias
nem me prende o litoral,
pedindo o voo das gaivotas
em rumos desconhecidos
sonhado estradas marinhas
compondo sete oceanos
para neles navegar
sou como o sal das salinas
pois fui nascida no mar*

*Que mundos não conhecidos
bebereis nos sete mares?
Que fantasmas soluçantes
terei de então consolar
ó brisas, ó tempestades
cantai bem alto, cantai
para embalar leves sonhos
cometidos em alto mar*



*Irei brincar com fantasmas
os governantes do mar
falarei língua das ondas,
cantarei canções marujas
escreverei meus poemas
nos lábios dos caramujos:
levá-los-ão chuvas, ventos
aos peixes e caravelas
que brincarão de cirandas
nos recôncavos do mar*

*Passai marujos, passai
que não voltarei do mar:
oceânica persisto;
sou o produto desse mar
que compus nas minhas mãos
da verdura do meu sangue
das águas dos olhos meus."*

